



IGREJA
DO SALVADOR
DE REAL
AMARANTE

IGREJA
DO SALVADOR
DE REAL
AMARANTE



Planta.

Edificada numa área de encosta sobranceira às agras que ladeiam a linha de água, a Igreja do Salvador de Real encontra-se hoje isolada e sobrelevada relativamente ao caminho que até ela nos conduz. A edificação da nova igreja paroquial, em 1938¹, levou ao abandono daquela, cuja fábrica ainda ostenta significativos trechos românicos, particularmente ao nível da fachada principal e do alçado sul, não obstante a grande transformação a que foi sujeita entre 1750 e 1760.



Vista aérea.

À primeira vista sobressai na fachada principal o convívio entre duas tipologias distintas de aparelho. Na metade inferior, sensivelmente, denota-se a presença de silhares retangulares e bem esquadriados que, apesar das suas várias dimensões, formam fiadas geralmente da mesma altura. Este tipo de aparelho prolonga-se ainda pelas fachadas laterais, confirmando-nos que foi aqui conservado para contrafortar os cunhais sudeste e sudoeste da Igreja. Se, na fachada principal, a metade superior mais parece constituída por aparelho de enchimento (irregular, de pequenas e variadas formas, unido através de argamassa), chegados aos alçados laterais sentimos já uma melhoria ao nível da qualidade do mesmo, o que não significa, contudo, regularidade. Note-se que não invalidamos a hipótese de aqui se ter procedido ao reaproveitamento de silhares da época românica aquando da transformação setecentista. Muito pelo contrário. Sabendo que era muito comum (e prática) a reutilização de aparelho de épocas anteriores, é bem possível que tal tenha ocorrido nesta antiga Igreja de Real.

¹ Informação n.º 1234 de 18 de setembro de 1963. IRHU/Arquivo ex-DGEMN/DREM N 2494/10.



Fachada ocidental.

414

Mas, é no portal que persistem os mais significativos elementos românicos desta Igreja que, pelo seu gosto, nos denuncia uma cronologia tardia, já mais próxima da época gótica. Composto por duas arquivoltas quebradas e toreadas – adaptação da influência portuense sobre a região amarantina, seguramente via Travanca (Amarante)² – já não apresenta tímpano, o que confirma o seu aspeto tardio. As colunas são finas e esbeltas, tendo as exteriores fuste cilíndrico e as interiores prismático. Os capitéis estão ornados com escultura pouco volumosa, presa ao fino cesto: motivos fitomórficos entrelaçados, motivos vegetalistas e uma máscara na esquina de um dos capitéis. Também a imposta denuncia uma feitura tardia para este portal: composta por elementos boleados que se sobrepõem, apresenta um esquema compositivo idêntico à sua congénere de Mancelos (Amarante). É, pois, com base nos elementos remanescentes que colocamos a conceção do portal de Real no primeiro quartel do século XIV, e, assim sendo, tendo em conta os dados históricos para esta freguesia, terá esta fábrica românica, tardia, vindo substituir um edifício anterior.

Ainda dentro da medievalidade românica temos de atentar ao arcosólio com sarcófago rasgado na parede exterior sul, ainda ao nível da nave. Na sua tampa foi gravada uma espada, denunciando o estatuto social de quem nele se fez enterrar. Tendo em conta o seu posicionamento, assim como a cicatriz de um arco que persiste sobre o atual portal lateral, de evidente conotação classicizante, somos levados a considerar que o sarcófago se manteve na sua posição original, tendo sido poupado enquanto testemunho de antiguidade e também como sinal de



Fachada norte.



Fachada sul.

² A Igreja de Real era, em 1706, abadia do padroado de Travanca (Amarante), tendo passado a alternativa entre aquele Mosteiro e a mitra de Braga (Costa, 1706-1712: 131; Niza, 1767: 159).



Fachada ocidental. Portal.

respeito para com quem nele se fez sepultar³. Na fachada oposta persistem no paramento as aduelas de um arco que, tendo em conta o seu posicionamento, deve ter correspondido a um portal, talvez desativado devido ao assoreamento do terreno contíguo e que no interior se identifica pela persistência de um nicho, muito embora de verga reta.

De resto, aquilo que podemos apreciar nesta Igreja de Real resulta da transformação setecentista acima referida. Concordantes com a intervenção de transformação da parte superior da Igreja estão os novos vãos de iluminação de grandes dimensões que foram abertos nos paramentos.

Os técnicos da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) consultaram os livros das visitas desta Igreja, tendo transcrito alguns trechos significativos para a compreensão deste edifício e, mais particularmente, para a datação das transformações aqui operadas entre 1750 e 1760⁴. Além de se considerar ser necessária a abertura de “uma fresta no frontispício da mesma igreja por se achar o coro sem a luz necessária”, mandou-se reparar a cornija, feita de cantaria, “com pirâmides nos lados e cruz no meio e a mesma cornija na parede da mesma igreja que está sita sobre o arco da Capela-mór, com as mesmas pirâmides dos lados e cruz no meio”⁵.

³ Pode tratar-se de um familiar do fundador da Igreja. Estranhámos que Francisco Craesbeeck (1992: 163) não inclua esta sepultura no seu verbete sobre Real, onde diz que a Igreja não tinha sacrário, nem letreiros, nem sepulturas.

⁴ Informação n.º 1234, de 18 de setembro de 1963. Idem.

⁵ Idem. Neste documento não há qualquer referência relativamente à fonte documental utilizada, além da alusão aos livros de visitas.



Assim sendo, na fachada principal um óculo encima o portal românico remanescente, enquanto nas fachadas laterais foram abertos dois amplos janelões retangulares de rampa e com grade em ferro, não obstante se ter mantido a memória “modernizada” de uma fresta mediévica na fachada sul, sobre o portal. Este, aberto sob a cicatriz de um anterior, como referimos já, é composto por um lintel moldurado que define um tímido arco abatido. Nas suas extremidades pendem borlas adossadas aos pés-direitos. Considerou-se ainda que na capela-mor seria necessário abrir “uma fresta maior que a que tem da parte do Evangelho, com sua grade de ferro e vidraça”, além da respetivas “pirâmides e cruz no meio sobre cornija de pedra a coroar a sua parede”⁶.

Ainda no exterior devemos destacar a cruz que se adossa à fachada sul, certamente elemento de uma via-sacra. Além desta, é digno de nota o campanário, adossado perpendicularmente ao cunhal sudeste da capela-mor. Compõe-se por um maciço pétreo retangular de sabor românico, encimado por dupla sineira terminada em empena e rematada por simples cruz. Não nos parece que este corresponda à determinação de 1757 de que se pusessem “os sinos no frontispício dela (igreja) ao lado esquerdo, por ser a área mais larga”, obra considerada simples se se reutilizassem as “mesmas pedras sineiras”⁷.

O caráter despojado do interior da Igreja é seguramente enfatizado pelo revestimento a estuque que a cobre na sua quase totalidade. O visitador de 1760 elogiou o “Rev.º Abade” de Real “pelo fervoroso zelo com que procurava o aceio da sua igreja”⁸. A obra estava já dada por feita, faltando-lhe então apenas o reboco. No interior, só o arco triunfal, com vão elevado, se mostra

6 Idem.

7 Idem.

8 Idem.

em granito. Compõe-se de duas arquivoltas quebradas e livres de qualquer motivo decorativo, diretamente assentes sobre os pés-direitos do muro, o que confirma uma vez mais o caráter tardio da fábrica românica de Real. Apenas as suas juntas foram avivadas de branco, ligando-o assim ao conjunto que integra.



Vista geral do interior a partir da nave.

417

Dignas de reparo são as cruzes de sacração patadas que, inscritas em círculos, povoam as paredes da nave e da capela-mor. O reboco interno respeitou estes elementos, destacando-os ao modo de janelas de restauro, onde o granito contrasta com o branco do revestimento. Da mesma época românica parece ser a pia batismal, cuja taça circular de granito, bem ao gosto românico, assenta sobre um pé cilíndrico suportado por um plinto cúbico. A pia está protegida por guarda em ferro forjado pintada de verde.



Igreja nova de Real. Capela-mor.
Retábulo-mor.

Conta-nos Armando de Mattos (1953: 24-32) que se notava “uma pintura de ingénuo desenho” e que servia como fundo ao batistério, à entrada da igreja, do lado esquerdo. Representando Cristo a ser batizado pelo seu primo São João no momento em que saía das lustrais do Jordão, tratava-se de uma “rude composição e colorido vibrante e amaneirado”. Este autor datou esta pintura do século XVIII ou, talvez já, de inícios do século XIX.

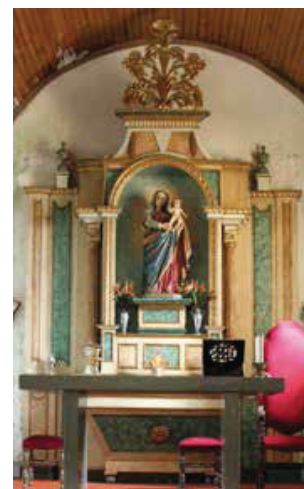
Este aspeto quase despido que o interior da Igreja do Salvador de Real nos mostra hoje advém, substancialmente, da construção de uma nova igreja paroquial na década de 1930. Para lá foi transferido o retábulo-mor pertencente à Igreja em estudo⁹. A sua monumentalidade contrasta claramente com o simples retábulo que agora se presta ao culto na capela-mor da velha Igreja. O que aí se encontrava e que hoje se pode apreciar na igreja nova de Real, além

⁹ Informação n.º 1234, de 18 de setembro de 1963. Idem.

de se organizar em torno de um volumoso trono eucarístico, encimado por uma representação alusiva ao Santíssimo, ostenta sanefa em que se apoiam querubins de corpo inteiro. A sua policromia, definindo marmoreados, casa aqui com motivos nitidamente *rocaille*. O ambão e a guarda do púlpito que o envolve, no lado do Evangelho da capela-mor da velha Igreja, fazem conjunto com o retábulo que acabamos de descrever, atribuindo-se seguramente a sua feitura a uma mesma oficina. Com estes dois elementos, ricamente elaborados, contrasta o retábulo-mor que veio substituir o que fora transferido. Sem grandes volumetrias, com forte tónica dada à estrutura arquitetónica, apenas se relaciona com os restantes elementos da capela-mor pelo recurso a uma mesma policromia.

No entanto, tendo em conta o carácter muito tardio destes exemplares em talha, cremos não poderem ser estes os que foram identificados em 1758: “o mor que he do padroeiro e dois culaterais, o da parte da Ipistola hé do Menino Deus, o do Evangelho de Nossa Senhora do Rozario, que também se chama de Santa Catherina” (Garcia, Cunha e Pinto, 1758 *apud* Capela, Matos e Borralheiro, 2009: 174). Francisco Craesbeeck nada nos adiantara anos antes, referindo-se apenas às suas capelas filiais (Craesbeeck, 1992: 163).

No período moderno foram ainda integrados ao corpo da Igreja o púlpito e um coro, dando expressão à necessidade de estimular a palavra pronunciada ou cantada, como elementos essenciais da liturgia renovada por Pio V (p. 1566-1572). As presentes estruturas são, contudo, posteriores às originais, sendo a balaustrada e o friso inferior do coro decorados com motivos (tranças florais e laços) muito comuns à decoração romântica, sendo portanto obra oitocentista, menor, de gosto vernacular e recorrendo a artífices locais.



Capela-mor. Retábulo-mor.



Nave. Coro alto.



Capela-mor. Parede fundeira do lado do Evangelho. Peanha. Escultura. Santo António.

Do conjunto de imaginária, não expressiva, destaca-se a imagem de Santo António, já referida no roteiro antoniano. Trata-se de uma escultura do século XIX representando o taumaturgo ulissiponense trajando o hábito franciscano e transportando o Menino Jesus graciosamente sentado sobre o livro. Esta peça integraria o conjunto de objetos arrolados em 1924, na sequência das normativas decorrentes da Lei da Separação. Foram então inventariadas as imagens do Sagrado Coração de Jesus, Virgem do Rosário, Virgem da Piedade, São Sebastião, Santo António e São Salvador (a designação é do documento)¹⁰.

Das visitas oitocentistas colhemos apenas a informação de que, em 1831, não era frequente acompanharem-se os defuntos à sepultura, nem “aparecer muitas vezes quem os conduza”. Os visitantes admoestaram ainda para que se desse o devido sinal ao povo para ouvir missa nos dias de semana, “no que havia falta”. Era, então, pároco José Guedes de Carvalho e Menezes¹¹.

Tendo em conta o carácter recente da grande transformação a que fora sujeita a Igreja românica de Real, o padre Jozé de Mesquita Costa e Mello informa o Diretor das Obras Públicas do Porto que, no ano de 1864, a “igreja Parochial e que parece ser muito antiga se encontra em bom estado de conservação e bem reparada”¹². Acrescenta o mesmo informador que esta igreja “não tem objectos d’arte dignos de nomeação”.

Volvidas aproximadamente seis décadas, fruto da edificação da nova igreja paroquial, estava a velha Igreja “praticamente abandonada a um canto da freguesia e, por assim dizer, engaiolada numa quinta que era o antigo magnífico passal”¹³. E porque estava, na opinião do pároco António Marinho Novais, “votada á ruína pelo inteiro desafecto dos paroquianos, pela sufocação movida pelos interesses utilitários dos proprietários dessa Quinta e pela contínua lapidação do tempo”, apela este para que a DGEMN tome as necessárias providências com vista à sua conservação para, assim, se evitar o início da derrocada¹⁴. Sendo, pois, considerado “precário” o seu estado de conservação pelo “abandono a que está votada”, julgaram os serviços técnicos que este edifício não possuía “valor para se lhe atribuir qualquer espécie de classificação”¹⁵. No entanto, não se invalida a hipótese de se proceder a um arranjo geral para conservá-la como elemento de interesse local, apesar deste se afigurar vir a ser bastante dispendioso.

Ao que pudemos apurar, apenas nos finais da década de 1980 foram realizadas obras de conservação nesta velha Igreja de Real, iniciativa da Comissão Fabriqueira local¹⁶. Foram então refeitos os beirados da nave, o telhado da capela-mor e da sacristia. Valorizaram, no entanto, os técnicos da DGEMN, a importância deste tipo de trabalhos de restauro ser feito “de forma correcta, contribuindo para a valorização do imóvel, que embora modesto no seu valor deve ser preservado”¹⁷.

10 SGMF – Comissão Jurisdicional dos Bens Culturais, Porto, Amarante, Arrolamentos dos bens culturais, freguesia de Real, Liv. 67, fl. 126-129v. ACMF/Arquivo/CJBC/PTO/AMA/ARROL/032.

11 ADB – Devassas, Sousa & Ferreira, 2.ª parte, n.º 123, fl. 6.

12 Mello, Jozé de Mesquita Costa e – Missiva de [ilegível] de outubro de 1864. IRHU/ Arquivo ex-DGEMN/DREM, Cx. 3216/3. Correspondência igrejas do concelho de Amarante. 1864-1867.

13 Novais, António Marinho – Cópia de Missiva, 12 de agosto de 1963. IRHU/ Arquivo ex-DGEMN/DREM 2494/10.

14 Idem.

15 Informação n.º 1234 de 18 de setembro de 1963. Idem.

16 Ofício n.º 66443 de 29 de maio de 1987. Idem.

17 Considerou-se que a telha utilizada nesta intervenção não era a mais aconselhável, “sendo do tipo “Marselha”, em beirados de tipo “Nacional dupla” e nos cumes de “crista””. Idem.



Vista geral.

Desde 2010 integra esta Igreja a Rota do Românico, sendo que agora se projeta a sua conservação, salvaguarda e promoção, dando continuidade às obras de manutenção que a freguesia tem vindo já a realizar¹⁸ e alargando assim a sua fruição a visitantes (Malheiro, 2012: 3). Diagnosticadas as principais patologias, foram estabelecidas as prioridades de intervenção: coberturas, paramentos exteriores, vãos exteriores e tetos, entre outras (Malheiro, 2012: 17 e ss). [MLB / NR]

¹⁸ Entre estas inclui-se a pintura dos paramentos interiores e das portas (Malheiro, 2012: 10).

CRONOLOGIA

- Século XIV: edificação da Igreja de Real;
- 1726: não tinha sacrário e era seu abade Tomás Pereira do Lago;
- Século XVIII (meados): grandes campanhas de obras alteram a fábrica medieval;
- 1768: era do padroado alternativo entre a mitra de Braga e o Mosteiro de Travanca (Amarante);
- 1864: encontrava-se em bom estado de conservação;
- 1938: construção de nova igreja paroquial de Real;
- 2010: a Igreja de Real passa a integrar a Rota do Românico.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

- ARQUIVO DISTRITAL DE BRAGA (ADB) – Devassas, Sousa & Ferreira, 2.ª parte, n.º 123, fl. 6.
- COSTA, A. Carvalho da – *Corografia portuguesa e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal...* Lisboa: Off. de Valentim da Costa Deslandes, 1706-1712.
- CRAESBEECK, Francisco Xavier da Serra – *Memórias ressuscitadas da província de Entre-Douro-e-Minho no ano de 1726*. Ponte de Lima: Carvalhos de Basto, 1992.
- GARCIA, João [Barbosa]; CUNHA, Manoel Teixeira da; PINTO, Francisco – *Real* [Memória Paroquial]. In CAPELA, José Viriato; MATOS, Henrique; BORRALHEIRO, Rogério – *As freguesias do distrito do Porto nas memórias paroquiais de 1758: memórias, história e património*. Braga: José Viriato Capela, 2009.
- LEI [da Separação do Estado das Igrejas]. *D.G.* 92 (1911-04-21) 1619-1624.
- MALHEIRO, Miguel – *Igreja de Real. Porto, Amarante, Real. Projeto de arquitetura para a conservação, salvaguarda e valorização do imóvel: projeto de execução*. Porto: Miguel Malheiro, 2012. Texto policopiado.
- MATTOS, Armando de – Pinturas murais. *Douro-Litoral*. N.º 5-6 (1953) 24-32.
- NIZA, Paulo Dias de – *Portugal sacro-profano...* Lisboa: na Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1767.
- PORTUGAL. Ministério da Agricultura, Mar, Ambiente e Ordenamento do Território – IRHU/Arquivo ex-DGEMN/DREMN 2494/10.
- _____ – Cx. 3216/3. Correspondência igrejas do concelho de Amarante. 1864-1867.
- PORTUGAL. Ministério das Finanças – Secretaria-geral – Arquivo – Comissão Jurisdicional dos Bens Culturais, Porto, Amarante, Arrolamentos dos bens culturais, freguesia de Real, Liv. 67, fl. 126-129v. ACMF/Arquivo/CJBC/PTO/AMA/ARROL/032.